

Índice

	Leitura e interpretação	Gramática	Produção escrita	
UNIDADE 1				Pág.
Teste 1	Texto A – Texto informativo: <i>Sapatos com História</i> Texto B – Conto tradicional: português – <i>O sapateiro pobre</i>	Classes de palavras (nomes; adjetivos; pronomes; determinantes) Palavras simples e complexas	Texto narrativo	2
Teste 2	Texto A – Texto informativo: <i>Castelo de Leiria</i> Texto B – Lenda: <i>As três portas da Sé</i>	Adjetivos e graus dos adjetivos Classes variáveis e invariáveis Palavras simples e complexas Pronomes e determinantes Processos de formação de palavras	Texto narrativo	8
Teste 3	Texto A – Verbete de dicionário Texto B – Fábula: <i>O Rato da Cidade e o Rato do Campo</i> (texto poético)	Palavras simples e complexas Nomes Adjetivos Determinantes e pronomes	Texto narrativo	15
Teste 4	Texto A – Texto informativo: <i>Corvos inteligentes: Esopo tinha razão</i> Texto B – Fábula: <i>O pássaro engaiolado e o morcego</i> (texto narrativo)	Família de palavras Nomes Palavras simples e complexas Processos de formação de palavras Pronomes e determinantes	Fábula	20
UNIDADE 2				Pág.
Teste 5	Texto A – Texto informativo: <i>Centaurus</i> Texto B – Texto narrativo: <i>Um reino em perigo</i>	Advérbios Tempos verbais (simples e compostos) Complexo verbal (verbo auxiliar e verbo principal) Funções sintáticas	Carta ou biografia	26
Teste 6	Texto A – Texto informativo: <i>A Família Forsyte</i> Texto B – Texto narrativo: <i>A família dos Is</i>	Verbos (flexão) Classes de palavras (advérbios; adjetivos) Expansão de frases Funções sintáticas	Entrevista	34
Teste 7	Texto A – Texto informativo: (sobre os aviões) Texto B – Texto narrativo: <i>Uma Corrida de Vassouras</i>	Tempos verbais (simples e compostos) Advérbios Pronominalização Funções sintáticas	Reconto	40
Teste 8	Texto A – Texto informativo: <i>Missão – Exploradores anunciam descoberta da Arca de Noé</i> Texto B – Texto narrativo: <i>A floresta abandonada</i>	Complexo verbal Tempos verbais Advérbios Funções sintáticas	Texto narrativo	47
UNIDADE 3				Pág.
Teste 9	Texto A – Texto informativo: <i>Fred Astaire</i> Texto B – Texto poético: <i>Bailarina</i>	Classes de palavras Verbo (flexão) Antónimos Funções sintáticas Translineação	Texto narrativo	54
Teste 10	Texto A – <i>José Mourinho em entrevista</i> Texto B – Texto poético: <i>O indeciso</i>	Translineação Preposições Família de palavras Quantificadores Antónimos Funções sintáticas	Poema	60
Teste 11	Texto A – Texto informativo: <i>Ponte de Rialto</i> Texto B – Texto dramático: <i>O colar</i>	Palavras variáveis e invariáveis Funções sintáticas Antónimos Tempos verbais (simples e compostos) Classes de palavras	Texto dramático	67
Teste 12	Texto A – Texto informativo: <i>Os Doze de Inglaterra</i> Texto B – Texto narrativo: <i>O Magriço</i>	Translineação Classes de palavras Preposições Tempos verbais (simples e compostos) Funções sintáticas	Texto dramático	74
SOLUÇÕES				81

Nota: Este livro encontra-se redigido conforme o novo Acordo Ortográfico.

I

1. Lê atentamente o texto A.

Texto A:

«Sapatos com História» angariou mais de 10 mil pares

Mais de 10 mil pares de sapatos usados foram recolhidos numa campanha promovida por uma empresa de reparações de calçado para ajudar instituições de solidariedade social.

Realizada desde 2008, a campanha conseguiu este ano um número recorde de sapatos recolhidos, que, segundo o responsável, Duarte Ramos, estarão entre os 10 e 12 mil pares. No ano passado foram angariados 9 mil pares de sapatos e no ano anterior 6 mil.

A recolha de calçado coincide sempre com o período pós-Natal, uma altura em que os armários se enchem de produtos novos e se esvaziam do que já não é usado. Os responsáveis convidam as pessoas a desfazerem-se dos sapatos que já não usam e deixá-los nas lojas *Bota Minuto*. Depois, é feita uma triagem do calçado em bom estado, dividindo-o por sapatos de homem, senhora e criança.

Habitualmente, os sapatos de senhora são os mais fornecidos. Mas, este ano, os promotores da iniciativa conseguiram também um acréscimo de sapatos de homem e criança, o que vai ao encontro das necessidades das instituições apoiadas.



15 «Este ano a campanha teve o *slogan* “Sapatos com História”. Pretendia partilhar as histórias dos sapatos através das redes sociais e explicar que os sapatos ainda têm muita história para contar», declarou Duarte Ramos à agência Lusa.

As histórias partilhadas estão geralmente relacionadas com o momento da compra dos sapatos ou a festa onde foram usados: «Há alguma emotividade e relacionamento com o próprio calçado.»

20 «O meu dono comprou-nos em Londres! Fomos passear pela Jamaica, China e até ao Brasil, parece. Agora diz que tem uns mais novos, mas sentimos que ainda temos força para viajar. Precisamos é de uma engraxadela e estamos prontos», diz a história dos ténis de Gonçalo Santos.

Os responsáveis têm já um banco de instituições a quem doar o calçado, de acordo com as necessidades de cada organização. Neste momento, os sapatos estão ainda em armazéns, onde é
25 selecionado o que está em bom estado e feita a separação por categorias.

Diário Digital / Lusa, 22/02/2011

2. Após teres lido o texto, faz a correspondência entre as colunas A e B para obteres afirmações verdadeiras.

A	
1. A recolha de sapatos é feita desde 2008	
2. O número de sapatos angariados tem vindo a aumentar:	
3. Esta campanha decorre depois do Natal,	
4. Em 2010, conseguiu-se angariar mais	
5. «Sapatos com história» foi o nome dado à campanha este ano,	
6. Os sapatos recolhidos vão ser distribuídos	

B
a. 6000, 9000, entre 10.000 a 12.000 pares de sapatos.
b. pares de sapatos de homem e criança do que nos anos anteriores.
c. por uma empresa de reparação de calçado.
d. por várias instituições, conforme as necessidades.
e. pois há uma tendência para substituir o que já não é usado por produtos novos.
f. já que os donos dos sapatos eram convidados a partilhar nas redes sociais a história dos sapatos que doavam.

3. Lê atentamente o texto B.

Texto B:

O sapateiro pobre

Havia um sapateiro, que trabalhava à porta de casa, e todo o santíssimo dia cantava; tinha muitos filhos, que andavam rotinhos pela rua, pela muita pobreza, e à noite, enquanto a mulher fazia a ceia, o homem puxava da viola e tocava os seus batuques muito contente. Defronte dele morava um ricoço, que reparou naquele viver, e teve pelo sapateiro tal compaixão, que lhe mandou dar

5 um saco de dinheiro, porque o queria fazer feliz.

O sapateiro lá ficou admirado; pegou no dinheiro e à noite fechou-se com a mulher para o contarem. Naquela noite o sapateiro já não tocou viola; as crianças, como andavam a brincar pela casa e faziam barulho, fizeram-no errar na conta e ele teve de lhes bater, e ouviu-se uma choradeira como nunca tinham feito quando tinham mais fome. Dizia a mulher:

10 — E agora, o que havemos nós de fazer a tanto dinheiro?

— Enterra-se.

— Perdemos-lhe depois o tino; é melhor metê-lo na arca.

— Mas podem furtá-lo. O melhor é pô-lo a render.

— Ora isso é ser onzeneiro.

15 — Então levantam-se as casas, e fazem-se de sobrado, e depois arranjo a oficina toda pintadinha.

— Isso não tem nada com a obra; o melhor era comprarmos uns campinhos; eu sou filha de lavrador e puxa-me o corpo para o campo.

— Nessa não caio eu.

— Pois o que me faz conta é ter terra; tudo o mais é vento.

20 As coisas foram-se azedando, palavra puxa palavra, o homem zanga-se, atíça duas solhas na mulher, berreiro de uma banda, berreiro da outra, naquela noite não pregaram olho. O vizinho ricoço reparava em tudo, e não sabia explicar aquela mudança. Por fim o sapateiro disse à mulher:

— Sabes que mais, o dinheiro tirou-nos a nossa antiga alegria! O melhor era ir levá-lo outra vez ao vizinho dali defronte, e que nos deixe cá com aquela pobreza que nos fazia amigos um do ou-

25 tro.

A mulher abraçou aquilo com ambas as mãos e o sapateiro, com vontade de recobrar a sua alegria e a da mulher e dos filhos, foi entregar o dinheiro e voltou para a sua tripeça a cantar e a trabalhar como o costume.

Teófilo Braga, *Contos Tradicionais do Povo Português*, Texto Editores

4. Responde de forma clara, correta e completa, usando as tuas próprias palavras.

a. Qual era a rotina diária do sapateiro?

b. Por que motivo o ricoço lhe deu um saco com dinheiro?

c. Que consequência teve essa oferta na vida familiar do sapateiro?

d. De que forma é que o sapateiro resolveu o problema criado pelo saco de dinheiro?

5. Comprova as seguintes afirmações com citações do texto.

a. A família do sapateiro era pobre, mas feliz.

b. O sapateiro e a mulher não estavam de acordo quanto ao que fazer ao dinheiro.

c. A mulher do sapateiro concordou em devolver o dinheiro ao ricoço.

II

1. Indica a que classe de palavras pertencem os grupos seguintes:

a. _____	b. _____	c. _____	d. _____
dia	um	lhe	contente
ceia	a	nós	feliz
rua	o	-lo	admirado
compaixão	seus	-se	ricaço
choradeira	naquela	eu	antiga

2. Reescreve a frase «O homem... tocava os seus batuques muito contente», colocando o adjetivo no grau indicado.

a. Superlativo absoluto sintético.

b. Comparativo de inferioridade.

3. «Naquela noite o sapateiro já não tocou viola; as crianças andavam a brincar pela casa e faziam barulho, fizeram-no errar na conta e ele teve de lhes bater...» (l. 8 a l. 10)

3.1. Indica a que nomes se referem os pronomes destacados.

3.2. Distingue os pronomes átonos dos tónicos.

3.3. Substitui os nomes destacados pelos pronomes adequados.

«...enquanto **a mulher** fazia a **ceia**, **o homem** puxava da viola e tocava **os seus batuques** muito contente.»

4. As palavras seguintes são palavras complexas. Indica as palavras simples que lhes deram origem.

a. rotinhos _____

b. pobreza _____

c. ricaço _____

d. berreiro _____

e. sapateiro _____

4.1. Forma, a partir da palavra «porta», uma palavra complexa.

Como seria a vida do ricoço? Redige uma **história** sobre a vida do ricoço. Deverás:

- apresentá-lo ao leitor;
- caracterizá-lo;
- mostrar como era o seu dia a dia;
- mostrar se era ou não feliz e porquê.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on its right side, suggesting it's resting on a surface.

I

1. Lê o seguinte texto.

Texto A:

Castelo de Leiria

Quem entra na cidade de Leiria vê de imediato o seu castelo altaneiro, palco de vários acontecimentos importantes da história de Portugal.

Conquistado aos mouros por D. Afonso Henriques, em 1135, o castelo viria a ser reconquistado pelos Muçulmanos, cinco anos depois, voltando para a mão dos Cristãos, novamente, em 1142.

5 Mas as lutas pela sua posse estavam longe de terminar tendo sofrido novo ataque islâmico. Devido a tantas lutas, D. Sancho I resolve reedificá-lo, corria o ano de 1190.

O castelo de Leiria foi, aliás, um dos que muito contribuiu para a proteção da zona da Estremadura, juntamente com os castelos de Pombal, Ourém e Tomar, entre outros, e que criaram o extenso sistema defensivo de Coimbra, Santarém e Lisboa.

10 Em 1325, D. Dinis manda edificar a Torre de Menagem, que se manteve até hoje e, após algumas reformulações, é agora um núcleo museológico, que mostra um pouco do que foi a atividade daquele castelo.

Pensa-se que a Igreja de Nossa Senhora da Pena e os Paços Episcopais tenham também sido construídos por ordem de D. Dinis. Este terá sido o rei que mais tempo passou em Leiria, juntamente com a sua esposa, a Rainha Santa Isabel. Graças a estes reis nasceram muitas das histórias e das lendas que envolvem Leiria.

15 Vários séculos depois, o castelo, bem como a cidade, viriam ainda a sofrer danos, com as invasões francesas, ficando quase ao abandono. Valeu o esforço da Liga dos Amigos do Castelo e do famoso arquiteto suíço Ernesto Korrodi, que ali realizou obras de recuperação.

20 Hoje, para além de ser um local turístico, acolhe também alguns acontecimentos culturais, e tem igualmente um museu, na Torre de Menagem, como já foi referido. Numa visita ao castelo não pode deixar de observar a magnífica vista sobre a cidade de Leiria, a partir da Alcáçova, uma das salas mais bonitas do castelo de Leiria.

2. Faz a correspondência entre as datas e os acontecimentos.

a. 1135 _____	1. A Torre de Menagem é construída.
b. 1142 _____	2. O Castelo de Leiria é reconstruído.
c. 1190 _____	3. O Castelo de Leiria é reconquistado pelos mouros.
d. 1325 _____	4. O Castelo é conquistado aos mouros.

3. Seleciona a opção correta para completares as frases.

3.1. O castelo de Leiria foi:

- a. a residência oficial do Rei D. Dinis. ☐
- b. importante na defesa da Estremadura. ☐
- c. um importante museu no tempo de D. Dinis. ☐

3.2. D. Dinis foi o rei que:

- a. passou a maior parte da vida em Leiria. ☐
- b. passou mais tempo em Leiria. ☐
- c. escreveu muitas lendas sobre Leiria. ☐

3.3. Ernesto Korrodi foi responsável por:

- a. reconstruir o castelo de Leiria. ☐
- b. construir a torre de Menagem. ☐
- c. recuperar o castelo de Leiria. ☐

3.4. Uma das partes mais bonitas do castelo de Leiria é:

- a. a Alcáçova. ☐
- b. a Torre de Menagem. ☐
- c. a vista sobre Leiria. ☐

4. Lê atentamente o texto B.

Texto B:

As três portas da Sé

Era uma vez, em tempos já muito antigos, vivia em Leiria um senhor muito rico e muito poderoso, e muito avarento, que não sabia como guardar as suas riquezas, os seus tesouros. E passava ele dias e dias, noites e noites, a cogitar¹ a maneira de os ladrões lhe não roubarem os seus tesouros. Como fazer? Como não fazer?

5 Até que um dia se lembrou de abrir três longos túneis e ao fim de um deles colocar o muito ouro e a muita prata e as muitas pedras preciosas que tinha e que constituíam um imenso tesouro, como até então nunca se vira.

E assim fez.

10 Mandou abrir três túneis subterrâneos, ali, no sopé² do monte onde hoje está construído o castelo, e deixou as suas riquezas ao fim de um deles.

Seguidamente, mandou-os tapar com três portas de alvenaria³ e fez constar⁴ que em uma delas estava o seu tesouro, mas em outro estava a fome e no terceiro a peste.

Assim criou um ambiente de medo, de verdadeiro terror, que evitou que os ladrões lhe fossem roubar as suas imensas riquezas.

15 E o homem, rico e poderoso, passou a dormir descansado. As três portas ainda hoje se veem no muro, ao pé da sé de Leiria, e passaram a ser conhecidas por «As três portas da Sé».

www.lendarium.org

¹ Pensar muito

² Base de montanha

³ Construção de pedra e cal

⁴ Fazer saber

5. Ordena as afirmações, de acordo com o texto.

a. Nenhum ladrão se atreveu a roubar as riquezas do homem.	
b. Tapou-os com três portas de pedra.	
c. Este passou a dormir mais sossegado.	
d. Passava o seu tempo a tentar encontrar uma estratégia para o fazer.	
e. Um homem queria proteger os seus tesouros dos ladrões.	
f. Fez saber que, atrás das portas, poderiam encontrar o tesouro, a fome ou a peste	
g. Após muito pensar, mandou abrir três túneis no monte.	

6. Enumera as características da personagem do conto.

7. A personagem do texto tinha um problema.

7.1. Qual era o seu problema?

7.2. De que forma esse problema interferia na sua vida?

7.3. Que solução encontrou para o problema?

**8. Os ladrões sabiam onde estava o tesouro, mas não se atreveram a ir buscá-lo.
Explica porquê.**

9. Transcreve do texto uma frase que comprove que as três portas da Sé são reais.

II

1. «Era uma vez, em tempos já muito antigos, vivia em Leiria um senhor muito rico e muito poderoso, e muito avarento...»

1.1. A partir da frase, indica:

a. quatro adjetivos;

b. os nomes a que se referem;

c. o grau em que se encontram;

1.2. Reescreve a frase «O homem mandou abrir três **longos** túneis no sopé do monte», colocando o adjetivo no grau indicado. Faz as alterações que considerares necessárias.

a. Superlativo relativo de superioridade.

b. Comparativo de igualdade.

2. Lê a frase: «Mandou abrir três túneis subterrâneos, ali, no sopé do monte onde hoje está construído o castelo»

2.1. Reescreve a frase que acabaste de ler, colocando-a no plural.

2.2. Agrupa as palavras na coluna correta.

Classes de palavras variável	Classes de palavras invariável

3. Indica se as palavras que se seguem são simples ou complexas, colocando um X na coluna correta.

Palavras	Simples	Complexas
Rico		
Riquezas		
Poderoso		
Monte		
Castelo		
Muro		

3.1. A palavra **terror** é uma palavra simples.

a. Forma duas palavras complexas a partir de **terror**.

b. Indica o processo de formação de cada uma delas.

4. Reescreve a frase, substituindo as palavras destacadas pelos pronomes adequados.
O homem queria proteger os seus tesouros.

5. Indica a que se referem os pronomes e determinantes destacados em cada alínea.

a. «as **suas** riquezas»

b. «ao fim de um **deles**»

c. «mas em **outro** estava a fome»

5.1. Distingue os pronomes dos determinantes e indica a subclasse a que pertencem.

Imagina que um ladrão mais afoito se aventura a entrar por uma das portas e que, após muitas dificuldades, consegue encontrar e roubar o tesouro do homem. Narra uma história em que indiques:

- por que porta entrou;
- o que encontrou ao fundo do túnel;
- como reagiu e como enfrentou o perigo;
- como reagiu o homem rico ao saber que o seu tesouro tinha sido roubado.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

I

1. Lê o texto A.

Texto A:

Rato

nome masculino

1. **ZOOLOGIA** nome vulgar extensivo a uns pequenos mamíferos roedores, da família dos Murídeos, alguns dos quais cosmopolitas, de focinho pontiagudo, orelhas relativamente grandes e cauda comprida e escamosa
 2. **ICTIOLOGIA** peixe seláquio, afim da raia, da família dos Trigonídeos, que aparece em Portugal
 3. **NÁUTICA** pedra de arestas vivas que corta as amarras dos navios
 4. *figurado* larápio
 5. *figurado* grande apetite
 6. *figurado* indivíduo esperto, manhoso
 7. *figurado* frequentador assíduo
 8. **INFORMÁTICA** dispositivo operado manualmente que permite executar funções no computador sem o recurso ao teclado
- (...)

www.infopedia.pt

2. Faz corresponder o significado da palavra «rato» (um número do texto acima) à frase mais adequada.

- a. Tenho um rato no estômago, pois não como nada desde manhã. _____
- b. O meu melhor amigo é um rato de biblioteca. _____
- c. O rato do meu computador está avariado. _____
- d. Tenho um rato em casa. Tenho de comprar veneno e ratoeiras. _____
- e. Como não tinha o rato ao pé dele, teve de cortar as amarras com um canivete, por isso demoraram mais tempo a sair para navegar. _____

3. Lê atentamente o texto que se segue.

Texto B:

O Rato da Cidade e o Rato do Campo

Um dia o Rato da Cidade
Convidou o Rato do Campo
Com uma tal civilidade
Que foi de brilho e de encanto.

5 Sobre um tapete valioso
Estava requintada mesa
Para um convívio saboroso
Desde a sopa à sobremesa.

10 A refeição era de estalo
E nada faltava ao festim,
Mas o pior foi terminar
Antes do esperado fim.

À porta daquele salão
Vago ruído se ouviu:
15 Escapou-se o Rato anfitrião
E seu convidado o seguiu.

Cessa o ruído e a ansiedade,
Os Ratos voltam ao salão.
E diz o Rato da Cidade:
20 – Toca a findar a refeição!

– Já findou – exclamou o do campo.
– Amanhã, vem ao meu abrigo.
Não é que eu não ache um espanto
Os teus banquetes, querido amigo.

25 Mas ninguém me vem interromper
E eu como à minha vontade.
Adeus!, não gosto do prazer
Que ao medo dá cumplicidade!

Fábulas de La Fontaine, tradução e adaptação de Maria Alberta Menéres, Edições ASA, 2008

4. Selecciona a opção correta.

4.1. O Rato da Cidade convidou o Rato do Campo para:

- a.** um almoço.
- b.** um jantar.
- c.** um lanche.
- d.** um banquete.

4.2. O banquete teria lugar num ambiente:

- a.** requintado.
- b.** valioso.
- c.** sossegado.
- d.** agitado.

4.3. O verso «a refeição era de estalo» significa que:

- a.** a refeição era muito boa.
- b.** a refeição era muito má.
- c.** a refeição estava estaladiça.
- d.** a refeição estava bem cozinhada.

4.4. A refeição terminou:

- a.** assim que terminou o banquete.
- b.** ainda antes de começar o banquete.
- c.** logo após começar o banquete.
- d.** ainda antes de terminar o banquete.

4.5. O Rato da Cidade é:

- a.** um bom anfitrião.
- b.** um mau anfitrião.
- c.** um anfitrião corajoso.
- d.** um anfitrião responsável.

5. Indica a razão pela qual os dois ratos se viram obrigados a interromper o banquete.

6. Indica por que motivo o Rato do Campo se recusou a terminar a refeição.

7. Transcreve do texto o(s) verso(s) que mostra(m) a diferença entre o banquete do Rato do Campo e o banquete do Rato da Cidade.

8. Na tua opinião, que lição deu o Rato do Campo ao Rato da Cidade? Justifica a tua resposta.

II

1. Analisa os grupos de palavras e indica qual a palavra simples que deu origem às restantes palavras.

a. civilidade; civil; civilização; civilizado _____

b. tapete; tapeçaria; atapetar; tapeteiro _____

c. ansiedade; ansiar; ansioso; ânsia _____

1.1. Transcreve a única palavra derivada por prefixação e sufixação.

1.2. Indica qual o processo de formação usado em todas as outras palavras.

2. Redige quatro palavras formadas a partir da palavra medo.

3. «Sobre um tapete valioso / Estava requintada mesa / Para um convívio saboroso»

3.1. Identifica todos os adjetivos presentes nos versos transcritos.

3.2. Em que grau se encontram?

3.3. Reescreve os versos, colocando os adjetivos no grau superlativo relativo de superioridade.

4. «E seu convidado o seguiu.»

4.1. Indica a que classe de palavras pertence cada uma das palavras destacadas.

4.2. Reescreve a frase, substituindo essas palavras pelo nome a que se referem.



- O que é o medo?
- Como terá nascido?
- Lembras-te o que te provocou medo pela primeira vez?

Relembrando essa situação, cria uma lenda que explique como nasceu o medo em ti.

I

1. Lê o texto A.

Texto A:

Corvos inteligentes: Esopo tinha razão

As histórias tradicionais apresentam o corvo como um animal particularmente inteligente e hábil. Ao que parece, Esopo e outros contadores de histórias tinham razão. Experiências feitas recentemente
5 mostraram alguns exemplares da família dos corvídeos (neste caso, gralhas) a resolver problemas complexos. Tal como na fábula, as aves foram postas perante um recipiente afunilado com alguma água, mas não a suficiente para o seu bico chegar lá.
10 Como incentivo, foi colocado um verme a flutuar na água.

Rapidamente os corvos testados solucionaram o problema: aprenderam a colocar seixos dentro do recipiente para que o nível da água subisse – e, em
15 consequência, o verme ficasse ao alcance do bico.

Os resultados desta investigação foram publicados a semana passada no jornal *Current Biology* por uma equipa liderada por Christopher Bird, da Universi-
20 dade of Cambridge. Segundo os investigadores, o único outro animal que se sabe ser capaz de fazer este tipo de tarefas é o orangotango, uma espécie

cujo cérebro é muito diferente do dos corvos. Os corvídeos – família a que pertencem os corvos, os gaios e gralhas – são animais extremamente inteligentes. A experiência feita sugere mesmo
25 que os animais são capazes de calcular o número de pedras necessárias para fazer subir a água apenas o suficiente para conseguirem o seu objetivo.



<http://noticias.sapo.pt/magazine/1011393.html>
[consultado a 24.04.2013]

2. Organiza a informação, de acordo com o texto.

a. A água subiu.	
b. Fez-se uma experiência com gralhas.	
c. As gralhas colocaram pedras dentro de água.	
d. De seguida, foi posto um verme dentro de água.	
e. Colocou-se um recipiente afunilado com água.	
f. As gralhas não o conseguiam alcançar.	
g. O verme ficou ao alcance das gralhas.	

3. Transcreve uma frase do texto que comprove que as afirmações são falsas.

a. Esopo é um cientista.

b. O orangotango é da família dos corvídeos.

c. Os corvos pertencem à família dos orangotangos.

d. Todos os animais apresentam uma inteligência semelhante à dos corvos.

4. Lê atentamente o texto B.

Texto B:

O pássaro engaiolado e o morcego

Um passarinho estava no poleiro de uma gaiola no parapeito de uma janela. Ficava em silêncio o dia todo enquanto os outros pássaros do jardim cantavam, mas mal ficava escuro, começava a cantar para consigo. Tinha um canto glorioso. Uma noite, um morcego ia a passar pela janela aberta quando o ouviu.

- 5 – Já passei por esta janela muitas vezes, mas nunca te ouvi cantar antes – disse o morcego.
– Ah... – disse o passarinho – Só canto à noite.
– Mas porquê? – perguntou o morcego. – Todos os outros pássaros cantam durante o dia e dormem à noite.
– Bem, foi quando eu cantava durante o dia que fui capturado e colocado nesta gaiola. Isso ensi-
10 nou-me uma lição: nunca cantar durante o dia – explicou o pássaro.
O morcego ficou perplexo.
– Mas meu querido passarinho, não é demasiado tarde para seres tão cauteloso? Agora já estás preso na gaiola. Se tivesses tido cuidado antes, podias ainda hoje estar livre.
Depois de o mal ter acontecido, é demasiado tarde para se ser cuidadoso.

As fábulas de Esopo, recontadas por Fiona Waters, Civilização Editora, 2011

5. Indica o que distingue o pássaro engaiolado dos restantes pássaros.

6. Apresenta o motivo pelo qual o morcego interpela o pássaro.

7. Indica por que motivo o pássaro apenas canta à noite.

8. O pássaro afirma ter aprendido uma grande lição «nunca cantar durante o dia».

8.1. Apresenta, justificando, a opinião do morcego relativamente a esta afirmação.

9. Selecciona o provérbio que melhor se adequa à moral desta fábula.

- a. À noite, todos os gatos são pardos.
- b. Casa roubada, trancas na porta.
- c. Quem tem medo compra um cão.
- d. Não vale a pena chorar sobre o leite derramado.

9.1. Justifica a tua escolha, comprovando com elementos textuais.

II

1. Selecciona a opção correta.

1.1. Na frase «Já passei por **esta** janela muitas vezes...», a palavra destacada é:

- a. um pronome demonstrativo.
- b. um pronome possessivo.
- c. um determinante possessivo.
- d. um determinante demonstrativo.

1.2. No segmento «quando o ouviu cantar...», o pronome pessoal destacado refere-se:

- a. ao morcego.
- b. ao passarinho.
- c. aos outros pássaros.
- d. ao narrador.

1.3. Na frase «Isso ensinou-me **uma** lição.», a palavra destacada pertence à classe dos:

- a. nomes.
- b. adjetivos.
- c. pronomes.
- d. determinantes.

1.4. A pronominalização que corresponde à frase «– Ah... – disse o **passarinho**...» é:

- a. – Ah... – disse-**o**...
- b. – Ah...– disse **ele**...
- c. – Ah...– disse-**lhe**...
- d. – Ah...– disse **me**...

1.5. A palavra **passarinho** é um:

- a. adjetivo no grau diminutivo.
- b. nome no grau diminutivo.
- c. adjetivo no grau normal.
- d. nome no grau normal.

1.6. A única palavra que não pertence à família de palavras de cautela é:

- a. cauteloso.
- b. cauteleiro.
- c. acautelar.
- d. cautelosamente.

1.7. O adjetivo **glorioso** é uma palavra:

- a. simples.
- b. derivada por prefixação.
- c. derivada por sufixação.
- d. derivada por prefixação e sufixação.

1.8. A única palavra formada a partir da palavra **livre** é:

- a. livrete.
- b. livrar.
- c. livreiro.
- d. livraria.

Quais são os teus animais preferidos?

Escolhe dois animais para serem as personagens do teu texto e redige uma **fábula** cuja moral seja: «Grão a grão enche a galinha o papo».

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

I

1. Lê o texto A.

Texto A:

Centauros

Os centauros eram monstros fabulosos, metade homem, metade cavalo que viviam nas montanhas e florestas. Descendiam de Ixion (...) e embora mantivessem contacto frequente com os seres humanos mostravam-se selvagens e extremamente brutais.

Ixion foi o primeiro mortal a matar um membro da sua família. (...) No entanto, Zeus perdoou-o e recebeu-o na sua morada. Apesar de ter sido purificado, a sua natureza continuava a mesma, e não se fez rogado ao tentar seduzir Hera, a rainha dos deuses e esposa de Zeus. Este, ao perceber o que se estava a passar, iludiu Ixion, mandando-lhe uma nuvem (a quem dera vida) em forma de Hera, que este seduziu pensando ser a verdadeira deusa. Da união de Ixion com a nuvem nasceu um ser metade homem, metade cavalo, Centauro, pai de monstruosos descendentes, conhecidos por centauros.

Deles, Quíron e Folo são também eles centauros, mas que se destacavam dos restantes por não serem criaturas tão desumanas, já que não descendem de Ixion. O primeiro dos centauros distinguia-se dos outros pela sua humanidade e conhecimentos de botânica, astronomia, medicina e cirurgia que terá adquirido por se ter refugiado na floresta. Acompanhava a deusa Diana nas caçadas que fazia e terá sido ele que ensinou muitos dos heróis gregos. Quíron usava a música como forma de curar doenças e era um entendido na astrologia, ciência pela qual impedia que algo de mal acontecesse aos humanos. Teve uma longa vida só morrendo após ter sido ferido por Hércules por engano. Hércules tentou ainda salvá-lo. Perante o seu próprio sofrimento, Quíron pediu a Júpiter que o matasse.

O deus dos deuses acedeu ao seu pedido transferindo a sua imortalidade para Prometeu e colocou o centauro no zodíaco: constelação sagitário. Folo era amigo de Hércules e acolheu-o em sua casa quando este teve de caçar um javali bastante feroz. Nesse dia, Folo abriu um odre de vinho para homenagear Hércules. Os restantes centauros, ao sentirem o cheiro do vinho, dirigiram-se para casa de Folo e quiseram tomá-lo à força. Hércules lutou contra eles para defender o seu amigo, mas este acabou por sucumbir após se ter picado numa flecha embebida no sangue de Hidra.

<http://recantodasletras.uol.com.br> (Adaptado)

2. Faz a correspondência entre as figuras apresentadas e as suas características.

Figuras	
1. Ixion	
2. Folo	
3. Deles	
4. Quíron	

Características
a. era amigo de Hércules.
b. é o pai do primeiro centauro.
c. passou muitos dos seus conhecimentos aos heróis gregos.
d. usava a música como cura.
e. era companheiro de caçada da deusa Diana.
f. foi acidentalmente envenenado pelo sangue de Hidra.
g. matou um membro da sua família.
h. é uma constelação.

3. Indica, no texto, a que palavra se refere:

- a. sua (l. 5) _____
- b. –o (l. 6) _____
- c. Este (l. 8) _____
- d. –lhe (l. 9) _____

4. Lê o texto B.

Texto B:

Um reino em perigo

No recinto interior do palácio situava-se a grande sala do trono da Torre de Marfim. Ali se realizavam as deliberações¹ respeitantes ao futuro de Fantasia. (...)

Os quatrocentos e noventa e nove melhores médicos do reino de Fantasia encontravam-se ali reunidos e sussurravam ou cochichavam uns com os outros. Todos eles tinham examinado a imperatriz Criança e todos tinham tentado ajudá-la com o seu saber. Mas nenhum sabia como curá-la.

E o número quinhentos, o mais célebre de todos os médicos de Fantasia, estava já há algumas horas ao pé da paciente, e todos esperavam com ansiedade o resultado do seu exame.

A imperatriz Criança era – como o indicava o seu título – a soberana² de todos os inumeráveis países do reino sem fronteiras de Fantasia (...). Ela era o centro de toda a vida de Fantasia.

E todas as criaturas, boas ou más, bonitas ou feias, alegres ou graves, loucas ou sábias, todas, mas todas só existiam porque ela também existia. Sem ela nada podia sobreviver, tal como um corpo humano não pode sobreviver sem coração.

Ninguém podia compreender bem o seu segredo, mas todos sabiam que era assim. (...) A sua morte seria o fim de todos, o fim do reino incomensurável³ da Fantasia. (...) De repente, fez-se silêncio na sala, e todos os olhos se viraram para a grande porta de batentes que estava a ser aberta. Cairon, o célebre e lendário mestre da arte médica, entrou na sala.

20 Era aquilo a que se chamava na antiguidade um centauro. Tinha figura de homem até às ancas, e o resto era o corpo de um cavalo. Cairon era um dos chamados centauros negros. À volta do pescoço, tinha uma cadeia com um grande amuleto de ouro, representando duas serpentes, uma clara e outra escura, que mordiam a cauda uma da outra, formando uma oval.

Todos os habitantes de Fantasia conheciam o significado daquele medalhão: ra o distintivo do enviado da imperatriz Criança, que podia agir em seu nome como se ela própria estivesse presente. Toda a gente conhecia o nome desse distintivo: AURIN.

25 Mas muita gente temia pronunciar o nome desse sinal, e chamava-lhe por isso a «JOIA», ou ainda o «PENTÁCULO» ou simplesmente o «ESPLENDOR».

Um murmúrio percorreu a sala e ouviram-se alguns brados de admiração. Há muito tempo já que a «JOIA» não era confiada a alguém.

Cairon bateu algumas vezes com os cascos no chão, até obter novamente silêncio, e depois disse em voz profunda:

30 – Amigos, não se espantem, pois vou usar AURIN durante pouco tempo. Sou apenas um intermediário. Em breve transmitirei o «Esplendor» a outro mais digno.

Reinava na sala um silêncio total.

– Não vou tentar disfarçar o nosso fracasso com palavras bonitas – continuou Cairon – Estamos todos perplexos perante a doença da imperatriz Criança. Sabemos apenas que esta doença coincidiu com o aniquilamento⁴ progressivo de Fantasia. Não sabemos mais nada. Nem sequer sabemos se a ciência médica a pode salvar. Onde quer que possa estar a possibilidade de salvação, uma coisa é certa: buscá-la requer um explorador capaz de não retroceder⁵ perante qualquer perigo ou esforço. Numa palavra, um herói. E a imperatriz Criança disse-me o nome desse herói: chama-se Atreiu e vive no Mar das Ervas, para além das Montanhas de Prata. É a ele que confi-

40 arei AURIN enviando-o para a Grande Busca. E agora já sabem tudo.

E, ditas estas palavras, o velho centauro saiu da sala com grande ruído de cascos.

Michael Ende, *A História Interminável*, Editorial Presença

¹ Decisões

² Que tem o poder

³ Enorme; que não se pode medir

⁴ Destruição

⁵ Andar para trás; recuar

5. Indica se as afirmações são Verdadeiras (V) ou Falsas (F).

a. A ação decorre na sala do trono da Torre de Marfim.

☐

b. A imperatriz do reino é uma Criança.

☐

c. Ela foi observada por quatrocentos e noventa e nove médicos.

☐

d. Aurin era feita com a pele de duas cobras: uma branca e outra preta.

☐

e. Nenhum dos médicos conseguiu curar a imperatriz.

☐

6. Preenche a tabela com as palavras que te são dadas para caracterizares as personagens e indicares o local onde vivem.

- | | | | |
|--------------------------|---------------|-----------------|--------------------------------|
| a. doente | d. herói | g. centauro | j. Fantasia |
| b. Torre de Marfim | e. imperatriz | h. Mar de Ervas | k. soberana |
| c. mestre na arte médica | f. explorador | i. célebre | l. representante da imperatriz |

Personagens	Características	Espaço
Criança		
Atreiu		
Cairon		

7. Responde de forma clara, correta e completa às seguintes questões sobre o texto.

7.1. Como se chama o reino em perigo?

7.2. Por que motivo o reino está em perigo?

7.3. O que é um centauro?

7.4. O que simbolizava o AURIN?

7.5. Enumera os nomes usados para se referirem ao AURIN.

8. Identifica os recursos expressivos presentes nas frases seguintes.

8.1. «E todas as criaturas, boas ou más, bonitas ou feias, alegres ou graves, loucas ou sábias, todas (...)»

8.2. «Sem ela nada podia sobreviver, tal como um corpo humano não pode sobreviver sem coração.»

II

1. «No recinto interior do palácio situava-se a grande sala do trono da Torre de Marfim. Ali se realizavam as deliberações respeitantes ao futuro de Fantasia.»

1.1. Identifica a classe de palavras a que pertence a palavra destacada, referindo o seu valor.

1.2. Indica a que se refere essa palavra.

1.3. Reescreve a frase, substituindo a palavra destacada por outra de igual valor e que exprima proximidade.

2. Identifica os verbos presentes no excerto.

«Ninguém podia compreender bem o seu segredo, mas todos sabiam que era assim.»

2.1. Reescreve a frase, colocando os verbos no:

a. presente do indicativo; _____

b. pretérito perfeito; _____

c. futuro; _____

3. «Todos eles tinham examinado a imperatriz Criança...»

3.1. Identifica o complexo verbal presente na frase.

3.2. Distingue o verbo auxiliar do verbo principal.

3.3. Reescreve a frase, usando o tempo simples correspondente ao tempo composto presente na frase.

a. civilidade; civil; civilização; civilizado _____

b. tapete; tapeçaria; atapetar; tapeteiro _____

c. ansiedade; ansiar; ansioso; ânsia _____

4. Reduz a frase aos elementos essenciais.

«E, ditas estas palavras, o velho centauro saiu da sala com grande ruído de cascos.»

5. Faz a correspondência entre os elementos que constituem as frases e a respetiva função sintática que desempenham.

5.1. Um murmúrio percorreu a sala.

a. Um murmúrio	
b. percorreu a sala	
c. a sala	

1. Complemento direto
2. Complemento indireto
3. Sujeito simples
4. Predicado

5.2. Quatrocentos e noventa e nove médicos observaram a imperatriz Criança.

a. Quatrocentos e noventa e nove médicos	
b. observaram a imperatriz Criança	
c. a imperatriz Criança.	

1. Complemento direto
2. Sujeito simples
3. Complemento indireto
4. Predicado
5. Sujeito composto



Escolhe uma das seguintes opções.

a. Redige a biografia de Atreíu.

Deverás:

- usar a informação que o texto te dá sobre ele;
- referir os seus feitos / atos heroicos para que a imperatriz o considere um herói;
- indicar se consegue ou não concretizar a missão atribuída pela imperatriz Criança.

OU

b. A Imperatriz Criança entregou também uma carta a Cairon para Atreiu. Imagina que és a imperatriz Criança e redige a carta que terá sido enviada a Atreiu.

Deverás:

- explicar a situação perigosa em que o reino se encontra;
- indicar a Atreú o motivo por que o escolheu e pedir-lhe ajuda;
- explicar-lhe em que consiste a Grande Busca.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

I

1. Lê o texto A.

Texto A:

A Família Forsyte

Série televisiva britânica de 26 episódios produzida pela BBC, em 1967, e realizada por James Cellan Jones e David Giles. Intitulada originalmente *The Forsyte Saga*, foi interpretada por Eric Porter, Nyree Dawn Porter, Kenneth More, Joseph O'Connor, Margaret Tyzack, Susan Hampshire e John Welsh, entre outros. Baseava-se no conjunto de novelas que ficaram conhecidas pelo nome unificador de *The Forsyte Saga*, da autoria de John Galsworthy, adaptadas por Lennox Philips e Donald Wilson.

A história retrata a saga de uma família de classe média inglesa ao longo de três períodos distintos, sendo carregada de suspense, drama e paixão. Estreou em Portugal em 1971 com grande sucesso.

Em 2002, foi feito um *remake* da série em cinco episódios.

[http://www.infopedia.pt/\\$a-familia-forsyte](http://www.infopedia.pt/$a-familia-forsyte)

2. No texto, a que se referem os seguintes números?

- a. 26 – _____
- b. 1967 – _____
- c. 1971 – _____
- d. 2002 – _____
- e. 5 – _____

3. Transcreve do texto frases que comprovem que as seguintes afirmações são falsas.

- a. A família Forsyte é uma série francesa.

- b. John Galsworthy realizou a série.

- c. A série não foi bem recebida pelos portugueses.

4. Lê atentamente o texto.

Texto B:

A família dos Is

- Ilda é o nome da minha tia. Ildefonso é o nome do meu tio, irmão do meu pai que se chama Inácio. Tenho um avô Isidro e uma avó Isaura. A minha mãe chama-se Irene e os pais da minha mãe Ilídio e Isolina. Mas há mais: há a minha prima Inês, a tia Idalina, casada com o doutor Isidoro, as minhas primas Isilda e Isabel e a minha irmã Ivone que ainda é muito pequenina para saber o nome.
- Quem assim fala dos seus parentes, todos da ilustre família dos Is grandes, é o i ainda pequeno.
- Chamo-me Ivo — diz ele. — Era para ser Hilário, calculem! Mas o seu avô Isidro, quando isto ouviu, segredou ao meu tio Isidoro e o meu tio Isidoro segredou à minha prima Isilda e a minha prima Isilda segredou ao meu tio Ildefonso e o meu tio Ildefonso deu um encontrão ao meu pai, que se preparava para escrever Hilário no livro do registo, e disse-lhe em voz alta: «Hilário é com H, homem!» O meu pai ficou muito corado e escreveu por cima: «Ivo». E Ivo fiquei.
- Sou de Ílhavo, mas também podia ter nascido numa ilha qualquer ou em Itália, quem sabe... Ainda lá gostava de ir um dia, de iate, claro.
- Hão-de estranhar que tenha nascido em Portugal, que não começa por I, mas não se esqueçam que está situado na Península Ibérica, pois então?
- Nunca me perco. E não julguem que sou ignorante. Antes pelo contrário, tenho muitas ideias e algumas fixas. Por exemplo: gostava, quando for grande, de ser ilusionista. Ivo, o ilusionista imbatível, inimitável, incrível! Isto num grande cartaz iluminado. Claro que é tudo imaginação, faculdade de que não sou desprovido, podem crer.
- Devem também achar a minha conversa uma tontice da infância, uma ingenuidade, uma manifestação de inocência. Acham que falo caro, que falo importante? Talvez.
- Conheço como os meus dedos todas as palavras do dicionário começadas por I. De indicador espetado aprendi a ler todas elas. Perguntem-me o que é intempérie. Eu sei. O que é intelectual. Eu sei. O que é invólucro. Eu sei. Sou o sábio dos Is. Tanto assim que, quando em pequeno me perguntavam quais eram as vogais, eu recitava assim: I, A, E, O, U. Porque é que o A há de ser o primeiro?
- Inteligente e instruído começam por I, tal como eu.
- E, por favor, não me chamem idiota!

António Torrado, *A Família dos Is* (conto integral)

5. Responde, com palavras tuas e de acordo com o excerto, às seguintes questões que te são colocadas.

5.1. No texto encontras a seguinte frase dita pelo narrador: «Sou de Ílhavo, mas também podia ter nascido em Itália, quem sabe... Ainda lá gostava de ir um dia, de iate, claro.»

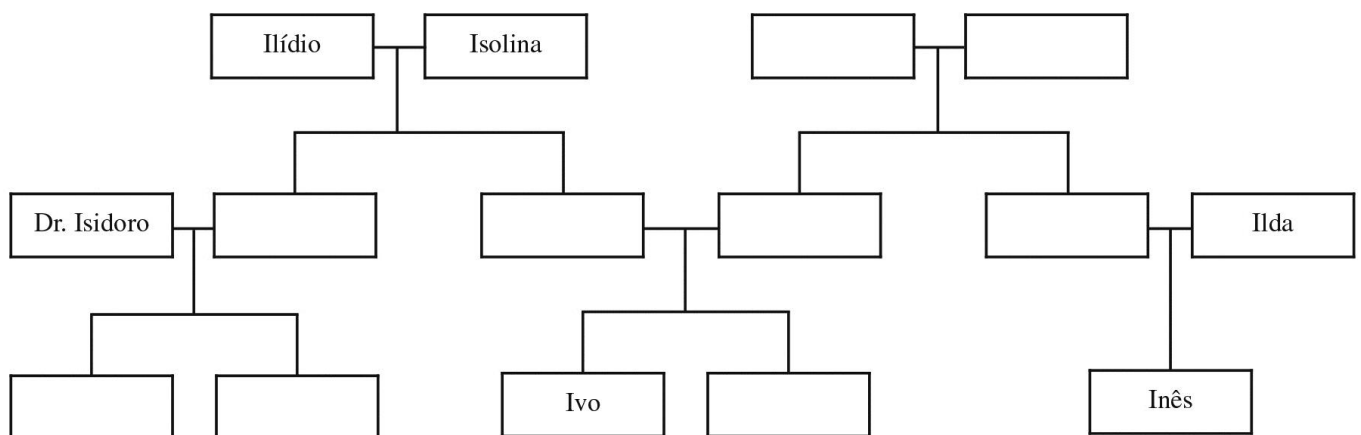
5.1.1. Classifica o narrador quanto à presença.

5.1.2. A quem se está a referir o narrador? Justifica a tua resposta.

5.2. O que é que todos os membros desta família têm em comum?

5.2.1. Que membro da família correu o risco de não partilhar essa característica? Porquê?

5.2.2. Completa a árvore geneológica desta família, colocando os nomes que faltam no sítio certo.



5.2.3. Coloca por ordem alfabética os nomes dos membros da família dos «Is».

5.2.4. Na tua opinião, o título do texto foi bem escolhido? Porquê?

5.3. Identifica a personagem principal do texto.

5.3.1. Faz a sua caracterização psicológica (identifica pelo menos quatro características).

5.3.2. Qual o processo(s) de caracterização utilizado(s)?

5.4. Na frase «Ivo, o ilusionista imbatível, inimitável, incrível!» está presente um recurso expressivo. Identifica-o.

1. Lê atentamente o seguinte excerto e preenche a tabela com as palavras destacadas.

«– **Chamo-me** Ivo – **diz** ele. – Era para ser Hilário, **calculem**! Mas o seu avô Isidro, quando isto **ouviu**, **segredou** ao meu tio Isidoro e o meu tio Isidoro segredou à minha prima Isilda e a minha prima Isilda segredou ao meu tio Ildefonso e o meu tio Ildefonso **deu** um encontrão ao meu pai, que se **preparava** para escrever Hilário no livro do registo, e disse-lhe em voz alta: “Hilário é com H, homem!” O meu pai **ficou** muito corado e escreveu por cima: “Ivo”. E Ivo fiquei.»

Forma Verbal	Infinitivo	Conjuação	Tempo	Modo	Pessoa	Número
chamo						
diz						
era						
calculem						
ouviu						
segredou						
deu						
preparava						
ficou						

2. Lê atentamente o excerto.

«Nunca me perco. E não julguem que sou ignorante. Antes pelo contrário, tenho muitas ideias e algumas fixas. Por exemplo: gostava, quando for grande, de ser ilusionista. Ivo, o ilusionista imbatível, inimitável, incrível! Isto num grande cartaz iluminado. Claro que é tudo imaginação, faculdade de que não sou desprovido, podem crer.»

2.1 Retira do excerto:

- a. um complexo verbal; _____
- b. um advérbio; _____
- c. um adjetivo. _____

2.2. Constrói uma nova frase, usando os três elementos do exercício anterior.

3. Indica quais as funções sintáticas dos elementos que constituem a frase seguinte.

«O pai do Ivo não sabia escrever Hilário.»

a. O pai do Ivo _____

b. não sabia escrever Hilário _____

c. Hilário _____

4. Reescreva a frase seguinte, utilizando um advérbio de negação e um advérbio de quantidade e grau.

«Tenho uma família grande.»

Imagina que és um jornalista que enquanto andava a investigar a origem de alguns nomes portugueses conheceu a família dos «is». Escolhe um dos membros dessa família e entrevista-o para saberes como nasceu a tradição de colocar nomes começados por «I» a todos os membros da família. Redige a tua **entrevista**, que deverá ter no mínimo seis perguntas e as respetivas respostas, como se estivesse publicada numa revista.

Não te esqueças:

- da estrutura das entrevistas;
- das características de uma entrevista;
- de seres criativo;
- de seres rigoroso quanto à construção frásica, à ortografia e caligrafia.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper has a slight shadow on the right side, suggesting it's resting on a surface.

I

1. Lê o texto que se segue.

Texto A:**Como é que se pilota um avião?**

O avião é pilotado com um manípulo como o dos jogos de vídeo. Os comandos são duplos. O piloto assume o comando à ida, o copiloto no regresso. A cabine de pilotagem chama-se carlinga.

Como é que um avião levanta voo?

Um avião precisa de andar em linha reta durante vários quilómetros antes de descolar. Reatores muito potentes permitem-lhe elevar-se do chão. Tal como os pássaros, os aviões descolam sempre de frente para o vento.

Porque é que os aviões não chocam em voo?

Antes da descolagem, o piloto prepara o plano de voo que mostra o percurso que o seu avião vai seguir. Durante o voo, cada piloto está permanentemente em contacto com a torre de controlo da região que atravessa. O controlador aéreo vigia todos os aviões da sua região num ecrã radar.



Como é que se faz a aterragem?

No momento de aterrar, o avião faz sair o trem de aterragem. As rodas, equipadas com travões, permitem ao avião pousar na pista. Durante o voo, o trem de aterragem está recolhido para não friccionar no ar.

O que acontece em caso de emergência?

No início do voo, uma hospedeira de ar mostra aos passageiros como utilizar o colete de salvação e a máscara de oxigénio. Esta cairá automaticamente se for necessário. Em caso de acidente, um es-correga enche-se automaticamente com a abertura das portas de emergência, pois é mais rápido pa-ra sair do avião.

O meu primeiro Larousse dos Como é que se faz?, Campo das Letras

2. Indica se as afirmações são Verdadeiras (V) ou Falsas (F).

	V	F
a. Pilotar o avião é como jogar um jogo de vídeo.	☐	☐
b. Quem comanda o avião é sempre o piloto.	☐	☐
c. São os reatores que fazem o avião voar.	☐	☐
d. Os aviões têm de descolar na direção do vento.	☐	☐
e. O copiloto é o responsável por elaborar o plano de voo.	☐	☐
f. O radar permite aos controladores aéreos seguir o trajeto um avião.	☐	☐
g. O trem de aterragem está sempre no exterior do avião.	☐	☐
h. Antes de embarcarem, os passageiros são informados de como usar o equipamento de emergência.	☐	☐
i. A máscara de oxigénio só é usada em caso de emergência.	☐	☐
j. Se houver uma situação de emergência, os passageiros devem sair pelas asas.	☐	☐

3. Lê atentamente o texto que se segue.

Texto B:

Uma corrida de vassouras

Era uma vez uma bruxa que tinha a mania das alturas. Não gostava nada de viver em cabanas ou cavernas e, por isso, escolheu um guindaste amarelinho e muito alto de onde podia ver tudo à sua volta. Gostava de espreitar para os telhados com as chaminés a deitar fumo, admirar os pombos a voar e ver os carros e as pessoas lá em baixo nas ruas, tão pequeninos que quase pareciam de brincar. Esta bruxa que se chamava Cornélia era magra e alta. Tinha um gato preto de que gostava muito e alguns morcegos que lhe faziam os recados. Também tinha uma coleção de vassouras que usava conforme as ocasiões: uma que voava muito alto, outra muito depressa, outra que aguentava pouco peso e outra ainda que tornava invisível quem a usasse.

Ora, Cornélia tinha uma prima, a bruxa Tarancula, que era gorda e baixa e também gostava das alturas, mas preferia viver à beira do rio. Esta bruxa instalou-se num guindaste no Cais da Rocha, pois daí tinha uma bela vista para a ponte e para a outra banda do rio Tejo. Tarancula não usava vassouras, mas sim um barco voador em forma de crocodilo e uma boia mágica que era uma jiboia disfarçada.

Um dia, a bruxa Cornélia desafiou a prima para fazerem uma corrida de vassouras até ao Castelo de S. Jorge. Como era muito esperta e marota, emprestou a vassoura que não aguentava pesos à bruxa Tarancula. Esta apanhou o maior susto da sua vida, pois a vassoura partiu-se a meio da viagem e ela foi aterrar mesmo em cima da estátua de D. José, no Terreiro do Paço.

Uns dias mais tarde, foi a vez de a bruxa Tarancula convidar Cornélia para dar um passeio no barco crocodilo chamado Nilo. (...)

O barco ia tão pesado que começou a balançar perigosamente. E o gato ficou tão enjoado que se lançou borda fora. A bruxa Cornélia foi atrás dele, mas, como não sabia nadar, estava já a afogar-se quando a prima lhe atirou a boia jiboia que a trouxe de volta ao barco juntamente com o gato.

O susto foi grande porque a jiboia apertava com muita força. Mas, como estavam todos salvos, fizeram as pazes, arrependeram-se das partidas que tinham pregado uma à outra e deram grandes abraços.

Nicha Alvim, *Uma corrida de vassouras*, Temas e Debates

4. Responde de forma clara e completa, com palavras tuas, às questões que te são colocadas sobre o texto.

4.1. Que local escolheu a bruxa Cornélia para viver? Porquê?

4.2. Quais as características da sua coleção de vassouras?

4.3. Que desafio propôs a bruxa Cornélia à bruxa Tarancula?

4.3.1. Qual era o seu objetivo?

4.3.2. Conseguiu concretizá-lo? Justifica.

4.4. Como reagiu a bruxa Tarancula?

4.5. Qual é a moral desta história, na tua opinião ?

4.6. Transcreve do texto uma expressão ou frase que indique:

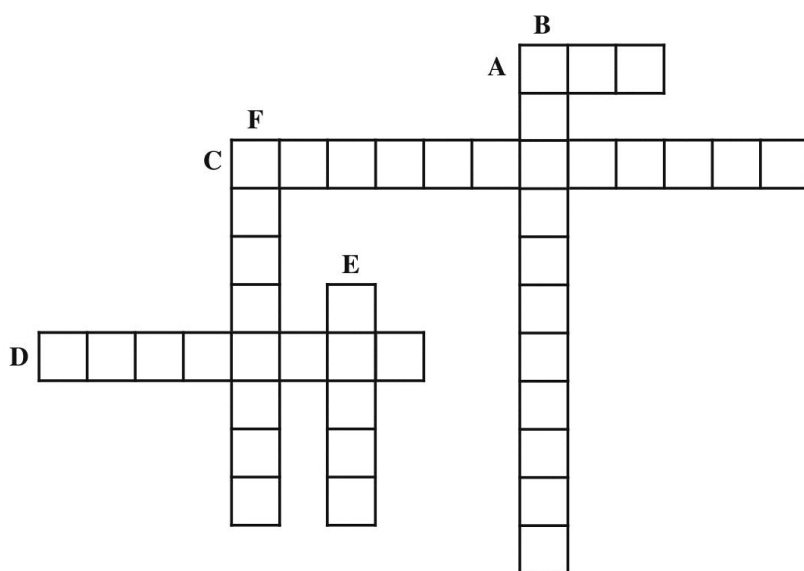
a. quando decorre a ação – _____

b. onde decorre a ação – _____

c. que o narrador é não participante – _____

1. Lê atentamente as instruções e completa o crucigrama:

- A. Verbo ser, no pretérito imperfeito do indicativo, na 1.^a pessoa do singular.
- B. Verbo estranhar, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, na 2.^a pessoa do singular.
- C. Verbo perguntar, no pretérito perfeito do indicativo, na 2.^a pessoa do plural
- D. Verbo fazer, no pretérito imperfeito do indicativo, na 1.^a pessoa do plural.
- E. Verbo gostar, no presente do indicativo, na 1.^a pessoa do singular.
- F. Verbo piscar, no pretérito mais-que-perfeito do indicativo, na 3.^a pessoa do plural.



2. «Mas, como estavam todos salvos, fizeram as pazes, arrependeram-se das partidas que tinham pregado uma à outra e deram grandes abraços.»

2.1. Identifica o complexo verbal presente na frase.

2.2. Classifica a forma verbal, indicando o tempo e o modo.

3. Atenta nas palavras destacadas e seleciona a opção correta.

«Como era **muito** esperta e marota, emprestou a vassoura que **não** aguentava pesos à bruxa Tarancula.»

3.1. As palavras destacadas pertencem à classe dos:

- a. advérbios. b. adjetivos. c. determinantes.

3.2. A palavra muito modifica:

- a. um verbo. b. um adjetivo. c. um advérbio.

3.3. Muito dá-nos informação quanto:

- a. ao grau. b. ao tempo. c. ao modo.

3.4. A palavra não modifica:

- a. um verbo. b. um adjetivo. c. um advérbio.

4. «A bruxa Cornélia desafiou a prima...»

4.1. Reescreve a frase, pronominalizando os segmentos destacados.

4.2. Classifica os segmentos destacados quanto à função sintática que desempenham na frase.

4.3. Transcreve o predicado da frase.

Faz o **reconto** (entre 15 a 25 linhas) das últimas férias que passaste com os teus pais ou outros familiares. No teu reconto deverás indicar: para onde foste, como foste e com quem foste; uma situação engraçada ou estranha que se tenha passado; o que fizeste para ocupares os teus tempos livres.

Não te esqueças:

- de ser rigoroso quanto à construção frásica, ortografia e caligrafia;
- de organizar devidamente a informação.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

I

1. Lê a notícia.

Texto A:

Missão

Exploradores Anunciam Descoberta da Arca de Noé

Por FILOMENA NAVES

Exploradores evangélicos identificaram estrutura de madeira com 4800 anos, no monte Ararat

É uma velha estrutura de madeira, com compartimentos interiores dotados de barras, como se fossem jaulas. A sua localização, no monte Ararat, na Turquia (o pico mais alto em toda a região), e a sua idade – 4800 anos, verificados pelo método do carbono 14, um dos mais rigorosos que se conhece – batem certas com uma extraordinária conclusão: aqueles poderão ser os tão procurados (e até agora nunca encontrados) restos da famosa Arca de Noé. É pelo menos essa a convicção do grupo de exploradores chineses evangélicos que fez o achado.

«Não temos cem por cento de certeza de que se trata da arca (de Noé), mas temos 99,9 por cento», declarou Yeun Wing Cheung, realizador de documentário em Hong Kong e um dos 15 elementos chineses e turcos do grupo *Noah's Ark Ministries International*, que empreendeu a missão.

O achado foi feito a quatro mil metros de altitude no monte Ararat, na Turquia, que é o ponto mais elevado em toda a região e que, por isso mesmo, tem sido apontado por investigadores bíblicos como o local mais provável onde a arca terá tocado a terra firme, após a descida das águas diluvianas.

Os participantes na expedição excluíram a hipótese de a estrutura de madeira ser um indício de uma antiga ocupação humana, já que nunca até hoje se encontraram sinais de povoamento acima dos 3500 metros de altitude naquela zona.

A construção tem um formato em arco e no seu interior os exploradores identificaram vários compartimentos, alguns com barras de madeira, que poderiam ter abrigado animais, segundo explicou Yeun Wing Cheung. A sua datação por carbono 14 estabeleceu que tem 4800 anos, o que é compatível com a época estimada pelos especialistas para a salvadora navegação da arca.

A equipa vai fazer escavações no local, para investigar e fundamentar a sua hipótese, e as autoridades turcas locais já decidiram que vão solicitar à UNESCO a classificação do sítio como património mundial, para garantir a sua preservação durante as escavações, adiantou o realizador chinês e participante na missão.

2. Assinala as alíneas cuja informação está incorreta.

- a. A arca foi encontrada no ponto mais alto da Turquia.
- b. Dentro da arca foram encontradas jaulas.
- c. A arca foi encontrada por exploradores turcos e chineses.
- d. Yeun Wing Cheung é um dos exploradores chineses envolvidos na descoberta da arca.
- e. De acordo com o teste feito, a arca tem quatrocentos mil e oitocentos anos.
- f. Após o dilúvio, a arca terá atracado pela primeira vez em Ararat.
- g. Já foram feitas escavações que comprovam que foi encontrada a Arca de Noé.
- h. A UNESCO já classificou o lugar onde foi encontrada a arca.

☐
☐
☐
☐
☐
☐
☐
☐

3. Lê o excerto do livro *A fada Oriana*.

Texto B:

A floresta abandonada

Estava tudo muito quieto e muito calado. A floresta parecia despovoada. Não se ouviam pássaros. Não havia nenhuma flor. Mas havia muitos cogumelos venenosos. E Oriana chamou:

– Pássaros, esquilos, veados, corças, coelhos, lebres!

Então ouviu um barulho no chão e, pequenina e preta, a víbora apareceu.

5 – Bom dia – disse a víbora.

– Bom dia, víbora – respondeu Oriana. – Onde é que estão os outros animais?

– Foram-se todos embora para os montes. Como a fada Oriana os abandonou e não tinham ninguém para os proteger dos tiros dos caçadores, eles tiveram de fugir para muito longe. Só ficaram os ratos, as víboras, as formigas, os mosquitos e as aranhas.

10 – Ah! – disse Oriana, corando de vergonha.

E perguntou:

– Sabes quem eu sou?

– Não – disse a víbora. – Vejo só que és uma menina muito bonita.

– Não sou uma menina bonita. Sou uma fada, sou a fada Oriana.

15 – Ah! Mas que esquisito! Onde é que estão as tuas asas? Nunca ninguém viu uma fada sem asas.

– Agora não tenho asas, mas daqui a dias vou voltar a tê-las. É uma história que não te posso contar.

história que não te posso contar.

20 – Eu, como ando sempre metido debaixo da terra, nunca te tinha visto, mas já tinha ouvido falar de ti.

– Sim? O que é que te disseram de mim?

– Contaram-me que dantes eras muito boa e tomavas conta da floresta, mas um dia abandonas-te os teus amigos todos porque te apaixonaste por um peixe.

- 25 – Isso é mentira – disse Oriana, furiosa. – Nunca me apaixonei pelo peixe. Que história tão estúpida!
- Pois fica sabendo que é o que se diz.
- Até contam que tu passavas horas e horas debruçada sobre o rio a fazer penteados e a enfeitar-te com flores só para o peixe te dizer que estavas muito bonita.
- 30 – Mas eu nunca me apaixonei pelo peixe. Eu passava horas ao pé do rio porque gostava de me ver no rio.
- Talvez seja como dizes. Mas o peixe contou aos outros peixes, que contaram aos pássaros, que contaram aos coelhos, que contaram às víboras, que tu estavas louca de amor por ele e que só pensavas em te enfeitar para que ele te achasse bonita.
- 35 Oriana estava indignada. Sentia-se ridícula. Olhou para a víbora e disse:
- Isso é uma mentira muito estúpida. Uma fada não se pode apaixonar por um peixe. Esta história é má-língua. É a célebre má-língua das víboras.
- E, virando as costas, Oriana seguiu o seu caminho, mas enquanto se afastava ouviu o riso mau e sibilante da víbora.
- 40 – SSSSSSSSSSS.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *A fada Oriana*, Porto: Ed. Figueirinhas, 2000

4. Assinala com X a opção que permite completar cada afirmação, de acordo com o texto.

4.1. Neste excerto predomina:

- a. a descrição do espaço onde decorre a ação.
- b. a narração da história da personagem principal.
- c. um diálogo entre duas personagens.
- d. uma reflexão da personagem principal.

4.2. Na frase «Estava tudo muito quieto e muito calado.» está presente a sensação:

- a. visual.
- b. olfativa.
- c. auditiva.
- d. tátil.

4.3. Na frase «Até contam que tu passavas horas e horas debruçada sobre o rio...» a repetição da palavra horas é usada para mostrar que Oriana:

- a. passava pouco tempo junto ao rio.
- b. passava muito tempo junto ao rio.
- c. passava duas horas junto ao rio.
- d. passava algum tempo junto ao rio.

5. Apresenta o motivo por que os animais abandonaram a floresta.

6. «– Ah! – disse Oriana, corando de vergonha.» Justifica a reação de Oriana.

7. Indica como reagiu Oriana quando soube o que o peixe contou aos outros animais.

7.1. Explica porque reagiu assim.

**8. O peixe mostrou ser um verdadeiro amigo da fada Oriana.
Concordas com a afirmação? Justifica a tua resposta.**

9. Na frase «– Bom dia – disse a víbora.» está presente uma personificação. Justifica a afirmação anterior.

9.1. Transcreve do texto um exemplo de enumeração.

1. Faz a correspondência entre os verbos destacados na frase e o respetivo tempo em que se encontram conjugados.

«– Não – **disse** a víbora – **vejo** só que **és** uma menina muito bonita.»

a. Presente do indicativo: _____

b. Pretérito perfeito do indicativo: _____

2. «... nunca te tinha visto, mas já tinha ouvido falar de ti.»

2.1. Distingue o verbo principal e o verbo auxiliar, que formam os complexos verbais assinalados.

2.2. Reescreve a frase, colocando o complexo verbal destacado no pretérito mais-que-perfeito simples.

3. Assinala com X a opção que permite completar corretamente cada afirmação.

3.1. Na frase «**Onde** é que estão as tuas asas?» a palavra que se encontra destacada é um advérbio:

a. de tempo. b. de lugar. c. interrogativo.

3.2. Na fala de Oriana «– **Agora** não tenho asas...» a palavra destacada dá-nos informação de:

a. tempo. b. modo. c. lugar.

4. «Oriana estava indignada.»

4.1. Reescreve a frase, usando um advérbio de quantidade e grau.

5. «... o peixe contou aos outros peixes...»

Indica a função sintática desempenhada pelos seguintes elementos da frase:

a. O peixe _____

b. contou aos outros peixes _____

c. aos outros peixes _____

O peixe conta aos restantes animais da floresta que a fada Oriana se apaixonara por ele, sendo, por isso, que ela ficava tanto tempo junto da margem do rio.

Imagina que a fada Oriana decide ir à procura do peixe, mas desta vez para esclarecer a história contada pela víbora.

Cria um novo capítulo para a história da fada Oriana que corresponda à situação indicada.

Deverás:

- descrever o percurso feito pela fada Oriana;
- relatar o diálogo que terá ocorrido entre os dois;
- narrar as reações das personagens;
- apresentar a que conclusão chega Oriana (Quem mentiu? O peixe ou a víbora?).

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

I

1. Lê o texto A.

Texto A:

Fred Astaire

Considerado um dos melhores bailarinos masculinos de todos os tempos, Fred Astaire (...) dançou durante 76 dos seus 88 anos de vida, tendo protagonizado 31 filmes musicais, 10 dos quais com Ginger Rogers. Juntos, Fred Astaire e Ginger Rogers são considerados o par de bailarinos mais famoso de sempre e a coreografia «I Won't Dance» do clássico filme *Roberta* é apenas um de muitos e bons exemplos.

Ator, cantor, bailarino e coreógrafo, Fred Astaire fez ainda duo com Eleanor Powell, uma atriz e bailarina muito conhecida das décadas de 30 e 40 pela sua energia imparável e capacidades extraordinárias em sapateado. No musical *Broadway Melody* ambos mostram, não só a sua sincronização perfeita, como o seu talento puro em estonteantes coreografias de sapateado. Imperdível...

Fred Astaire teve o privilégio de dançar com muitas beldades da sétima arte e a icónica Rita Hayworth foi uma delas. No filme *You'll Never Get Rich*, Fred Astaire e Rita Hayworth dominam a grande tela com a sua elegância e à vontade. Tendo a música «So Near and Yet So Far» de Cole Porter como impulso, este duo de bailarinos famosos do cinema clássico, fazem a dança parecer realmente fácil.

<http://passobase.com>

2. Verdadeiro ou Falso? Coloca um X na coluna respetiva.

	V	F
a. Fred Astaire começou a dançar quando tinha apenas 12 anos.		
b. Ele foi o protagonista de muitos musicais.		
c. A melhor atuação de Fred Astaire e Ginger Rogers ocorreu durante o filme <i>Roberta</i> .		
d. Fred Astaire, para além de bailarino, era também coreógrafo, ator e cantor.		
e. O par de Fred Astaire foi sempre Ginger Rogers.		
f. A dança é fácil.		

3. Transcreve do texto frases que comprovem que as afirmações que assinalaste são falsas.

4. Lê o poema atentamente.

Texto A:

Bailarina

Esta menina
tão pequenina
quer **ser bailarina**.

5 Não **conhece nem dó nem ré**
mas sabe ficar na ponta do pé.

Não **conhece nem mi nem fá**
mas inclina o corpo para cá e para lá.

Não **conhece nem lá nem si**,
mas fecha os olhos e sorri.

10 Roda, roda, roda, com os **bracinhos** no ar
e não fica tonta nem sai do lugar.

Põe no cabelo uma estrela e um véu
e diz que caiu do céu.

15 Esta menina
tão pequenina
quer ser bailarina.

Mas depois esquece todas as danças,
e também quer dormir como as outras crianças.



Cecília Meireles, *Ou Isto Ou Aquilo*, Nova Fronteira

5. Responde, com palavras tuas e de acordo com o poema, às seguintes questões que te são colocadas.

5.1. Porque é que o título do poema é «Bailarina»?

5.2. Faz a caracterização da menina.

5.3. Explica o significado dos versos que se encontram a negrito no poema.

5.3.1. Que recurso expressivo é utilizado? Porquê?

5.4. A menina quer ser bailarina e já sabe alguns passos de ballet.

5.4.1. Enumera os passos de ballet que a menina costuma fazer.

5.5. Transcreve o verso que nos mostra que a menina é apenas uma criança.

6. Indica:

6.1. quantas estrofes constituem o poema;

6.2. quantos versos tem o poema;

6.3. as palavras que rimam na primeira e na sexta estrofe.

7. Atenta na imagem que acompanha o poema.

7.1. Achas que foi bem escolhida? Porquê?

II

1. Faz a correspondência entre as palavras que constituem a frase e a classe a que pertencem.

«Esta menina / tão pequenina / quer ser bailarina.»

a. Determinante: _____

b. Nome: _____

c. Adjetivo: _____

d. Verbo: _____

e. Advérbio: _____

1.1. Indica o grau em que se encontra o adjetivo.

1.2. Reescreve a frase, colocando o adjetivo no grau superlativo absoluto analítico.

2. «Mas depois esquece todas as danças...»

2.1. Classifica a forma verbal, indicando o tempo, o modo e a pessoa em que se encontra conjugado.

2.2. Reescreve a frase, colocando a forma verbal no pretérito mais-que-perfeito composto.

3. Selecciona o antónimo da palavra destacada.

3.1. «mas **inclina** o corpo»

- a. dobra
- b. endireita
- c. recua

3.2. «...**fecha** os olhos»

- a. cerra
- b. abre
- c. encerra

3.3. «Mas depois **esquece** todas as danças»

- a. rever
- b. relembra
- c. lembra

4. A menina esquece todas as danças.

4.1. Classifica sintaticamente os elementos que constituem a frase.

5. Divide as palavras destacadas utilizando o hífen de acordo com as várias possibilidades de translineação da palavra.

«(...) **depois** esquece todas as **danças**,/ e também quer **dormir** como as outras **crianças**.»

Todas as crianças, quando são pequenas, sonham ter uma profissão e, tal como a menina de quem o sujeito poético nos fala, passam os dias a imaginar e inventar brincadeiras relacionadas com essa profissão.

Redige um **texto narrativo** de 150 a 200 palavras em que narres uma das muitas brincadeiras que inventaste relacionada com a profissão dos teus sonhos de criança. Na conclusão, indica se entretanto mudaste de ideia ou não e porquê.

Inicia a tua história da seguinte forma:

«Quando eu era pequenino, sonhava tornar-me num(a) ... porque...

Então, imaginava que...»

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

I

1. Lê a entrevista.

Texto A:

José Mourinho em entrevista

«Não quero um Ferrari e uma quinta. Quero a alegria e ser reconhecido », diz José Mourinho que nasceu a 20 metros do estádio do Bonfim, aprendeu a andar no relvado do estádio do Setúbal, jogou à bola com o pai (o antigo guarda redes Félix Mourinho), a quem disse que queria ser treinador de futebol. A ambição, ex-traordinária, é da medida do seu talento. Ninguém duvida que a carreira, a pro-
 5 cissão, ainda vai no adro.

por Anabela Mota Ribeiro



10 **Seleções do Reader's Digest (SRD):** Formou-se no ISEF aos 24 anos e completou um curso para treinadores na Escócia. Não é muito comum no mundo do futebol esta preocupação com a instrução.

15 **José Mourinho (JM):** Sempre existiu em mim a ambição de me licenciar, independentemente da minha vocação. Talvez influenciado pela minha família: «Não sabes qual vai ser o teu futuro no futebol, pelo menos constrói algo sólido».

SRD: Havia essa preocupação?

20 **JM:** Havia. O meu pai esteve a vida toda ligado ao futebol com todas as dificuldades inerentes ao mesmo. Se eu tivesse sido mal sucedido nesta minha aposta, como treinador, na pior das hipóteses era professor de educação física. Paralelamente a esta preocupação, sabia o que aquilo me podia dar. Tenho uma máxima, que não é minha, mas que ouvi em qualquer lado e que guardei para mim: «Um treinador de futebol que só sabe de futebol é um péssimo treinador de futebol.»

25 **SRD:** De que outras coisas tem de saber?

JM: De tudo. Há áreas científicas que nos podem ajudar no nosso trabalho, nomeadamente psicologia, pedagogia, fisiologia. Posso falar com o meu departamento médico sobre lesões, músculos, biomecânica, teoria do treino. São temas que domino. Dominar as competências psicológicas, é fundamental. Pode fazer a diferença.

30 (...)

SRD: Aos 15 anos teve a noção de que queria ser treinador. E essa noção era acompanhada de uma outra: a de que dificilmente seria um jogador de exceção.

JM: Sim.

SRD: Ora o que queria para si era justamente a exceção. Porquê?

35 **JM:** Como qualquer miúdo, cresci a adorar jogar. Não posso dizer que não era um miúdo com talento. No meu grupo de amigos, era dos mais talentosos. Mas a via académica exigia-me responsabilidades, tive de fazer as minhas escolhas. Senti que não valia a pena arriscar porque as possibilidades de sucesso não eram grandes.

SRD: Isso é que é a coisa extraordinária: ter tido essa lucidez aos 15 anos.

40 **JM:** Sabia das minhas limitações e das minhas qualidades. O meu *skill* não era melhor do que o *skill* dos outros. As minhas qualidades físicas não eram de exceção; não era rápido, e a velocidade é fundamental para o futebol de alto nível. Aquilo que me fazia melhor do que os outros era a minha capacidade de ler, analisar equipas. A visão que tinha da situação. Eu conseguia ver coisas que os outros não conseguiam, inclusive adultos.

45 **SRD:** É verdade que o seu pai lhe pedia para fazer a observação das equipas adversárias?

JM: Sim.

SRD: Foi verdadeiramente a sua escola?

JM: A escola de qualquer treinador começa aí. Na capacidade de assistir a jogos com outros olhos. Não é ir para o futebol e ver o jogo como um adepto normal, preocupado se A ganha ou B ganha. É tentar perceber como é que uma equipa funciona, quais são os seus princípios de jogo.

<http://www.seleccoes.pt> (Texto com supressões)

2. Faz a correspondência entre as duas colunas de forma a obteres afirmações corretas.

A	
a. José Mourinho fez um curso de treinadores	
b. A família sempre o incentivou a licenciar-se,	
c. Para se ser treinador de futebol não basta saber de futebol:	
d. Desde os quinze anos que queria ser treinador de futebol,	
e. No entanto, tinha um talento que fez dele o treinador que hoje é:	
f. O seu talento excecional era reconhecido pelo pai,	
g. O que distingue um treinador de um adepto normal	

B	
1. já que não sabia como iria ser a sua carreira no futebol.	
2. porque sabia que seria um jogador vulgar.	
3. por isso pedia-lhe que observasse as equipas adversárias.	
4. após ter concluído o curso no ISEF.	
5. é preciso ter conhecimento nas áreas da psicologia, pedagogia e fisiologia.	
6. é a sua capacidade de ler a equipa adversária.	
7. a capacidade de observar e analisar o jogo.	

3. Lê o seguinte poema atentamente.

Texto B:

O indeciso

Eu cá quero ser tudo
futebolista e arquiteto
ator de cinema mudo
é preciso é que dê certo.

5 No fundo o que eu quero
é ser grande e bem depressa
porque isto de crescer
não pode ser só conversa.

10 Quero ser grande em altura
sem ter projeto nenhum
e quem sabe se hei de ser
piloto de Fórmula Um?

Também quero ser marinheiro,
alpinista e domador
15 herói de banda desenhada
pirata e aviador.

Quero ser de tudo um pouco
pois tenho imaginação
para acreditar que acordo
20 com o mundo na palma da mão.

No fundo, quando eu for grande
sem que isso seja um insulto
o que eu acho que vou ser
afinal é mesmo adulto.

José Jorge Letria, *O que eu quero ser*

4. Responde, com palavras tuas e de acordo com o poema, às seguintes questões que te são colocadas.

4.1. Porque é que o título do poema é «O indeciso»?

4.2. Retira do poema as palavras necessárias para completes o campo lexical de «profissão».

4.2.1. Porque razão é que predomina este campo lexical no poema?

4.3. O que é que o sujeito poético quer realmente ser?

4.3.1. Transcreve o(s) verso(s) que comprove(m) a tua resposta.

4.4. Como podes ver pelo poema, o sujeito poético quer ser tudo. Que justificação é que ele dá para isso acontecer?

4.5. Transcreve do poema uma frase interrogativa.

4.5.1. Explica por que razão é usada essa frase interrogativa.

5. Indica:

5.1. quantas estrofes constituem o poema.

5.2. quantos versos tem o poema.

5.3. as palavras que rimam na primeira e na segunda estrofes.

6. Identifica o recurso expressivo que está presente nas seguintes transcrições. Escolhe a opção correta.

6.1. «Também quero ser marinheiro, / alpinista e domador / herói de banda desenhada / pirata e aviador.»

a. comparação ☐

b. adjetivação ☐

c. enumeração ☐

6.2. «(...) sem que isso seja um insulto/ o que eu acho que vou ser/ afinal é mesmo adulto.»

a. aliteração ☐

b. adjetivação ☐

c. comparação ☐

II

1. Divide as palavras destacadas, de forma a apresentares todas as possibilidades de translineação possível.

«Também quero ser **marinheiro**, / **alpinista** e **domador** / **herói** de banda **desenhada** / pirata e **aviador**.»

2. Identifica todas as preposições presentes nas frases, sublinhando-as.

- a. José Mourinho tirou o curso de treinador na Escócia.
- b. Aprendeu a andar no estádio do Bonfim, em Setúbal.
- c. Jogou à bola com o pai.
- d. Disse-lhe que queria ser treinador de futebol.

2.1. Transcreve aquelas que são contrações.

2.2. Indica o resultado das seguintes contrações:

- a. em + uma
- b. a + a
- c. em + a
- d. a + o
- e. em + o

3. Completa a frase, selecionando a palavra mais adequada.

3.1. José Mourinho sempre foi **ambição** / **ambicionava** / **ambicioso**.

3.2. A **família** receio / **receava** / **receosa** que não tivesse sucesso como **treinar** / **treino** / **treinador**.

3.3. A **decisiva** / **decisão** / **decidiu** foi tomada quando ainda era **adolescente** / **adolescência** / **adolescer**.

3.4. Os meus amigos achavam que eu era muito lento / lentidão / lentamente.

3.5. A **rapidez** / **Rápida** / **Rapidamente** percebi que não tinha as características necessárias para **jogar** / **jogador** / **jogo**.

4. Identifica, transcrevendo, os quantificadores numerais presentes nas frases que se seguem.

a. Formou-se no ISEF aos vinte e quatro anos.

b. José Mourinho nasceu a vinte metros do estádio do Bonfim.

c. Um terço dos jogos decorreu no Bonfim.

5. Reescreve as frases, substituindo a palavra destacada por um antónimo.

a. Ele completou o curso na Escócia.

b. Dificilmente seria um jogador de exceção.

c. Não era rápido.

d. Se eu tivesse sido mal sucedido....

6. Ele observava os jogos.

6.1. Indica quais os elementos da frase que desempenham a função sintática de:

a. sujeito; _____

b. predicado; _____

c. complemento direto. _____

O sujeito poético do texto está muito indeciso quanto à profissão que quer ter quando for adulto. E tu, já sabes o que queres ser?

Constrói um poema sobre a profissão que queres ter.

Não te esqueças de:

- construir primeiro o campo lexical relativo à tua profissão futura, para te ajudar com o vocabulário do poema;
- usar alguns recursos expressivos;
- usar algumas rimas;
- ser criativo.

[illegible]

I

1. Lê o seguinte texto.

Texto A:

A **Ponte de Rialto** é a ponte em arco mais antiga e mais famosa sobre o Grande Canal, na cidade italiana de Veneza. Ela foi formalmente a única ligação permanente entre os dois lados do Grande Canal, até abrirem as restantes travessias.

A primeira construção que cruzou o Grande Canal foi uma ponte flutuante, construída em 1181 por Nicolò Barattieri. Chamou-se *Ponte della Moneta* (Ponte da Moeda), provavelmente porque a cunhagem da moeda veneziana era feita na entrada oriental.

À medida que o mercado do Rialto se tornou mais importante, foi necessário substituir a ponte flutuante por uma de madeira (por volta de 1250). A estrutura tinha duas rampas inclinadas que se uniam a uma secção móvel, que podia ser elevada para que passassem barcos altos. A proximidade e a importância do mercado levou a que a ponte se passasse a chamar Ponte de Rialto. Durante a primeira metade do século XV, duas fileiras de lojas foram construídas nos lados da ponte. Os impostos destas lojas entravam no tesouro da cidade, que ajudava na manutenção da ponte. Isso era vital numa ponte de madeira.

A Ponte de Rialto foi queimada parcialmente durante a revolta liderada por Bajamonte Tiepolo, em 1310. Em 1444, caiu quando foi demasiado o peso da multidão reunida para ver um desfile náutico, sendo reconstruída outra vez, e em 1524 voltou a ser derrubada.

A ideia de uma reconstrução em pedra foi pela primeira vez proposta em 1503. Em 1551, as autoridades venezianas pediram propostas para renovar a Ponte de Rialto. (...)

A ponte de pedra que hoje existe é formada por um único arco, desenhado por Antonio da Ponte, e construída entre 1588 e 1591, baseado no desenho da anterior ponte de madeira: duas rampas inclinadas cruzam-se num pórtico central.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Ponte_de_Rialto (Adaptado)

2. Assinala todas as afirmações verdadeiras.

a. A Ponte della Moneta pode ser visitada em Itália.

☐

b. Durante muito tempo, esta ponte foi a única ligação entre os dois lados do canal.

☐

c. A Ponte della Moneta era uma ponte de madeira.

☐

d. A Ponte de Rialto foi construída por Nicòlò Barattieri.

☐

e. Era uma ponte elevatória, para que os barcos mais altos pudessem passar.

☐

- f. O mercado do Rialto deu o nome à nova ponte de madeira.
- g. Devido a vários incidentes, a ponte teve de ser reconstruída várias vezes.
- h. Nunca foi considerada a hipótese de substituir a ponte de madeira por uma de pedra.
- i. A ponte que hoje pode ser visitada em Itália foi desenhada por Antonio da Ponte e demorou três anos a ser construída.

☐
☐
☐
☐

3. Lê o texto B.

Texto B:

O Colar

Bonina (*entrando*): Senhora, está ali a vossa amiga D. Giovanna Alvisi.

Vanina: Diz-lhe que suba, que suba. (*Bonina sai*) Ai, vou mandar uma carta por ela ao Pietro, a explicar tudo e a agradecer-lhe.

Giovanna: Querida Vanina!

5 **Vanina**: Querida Giovanna! Gosto tanto de te ver!

Giovanna: Gosto tanto de te ver. E gosto de te ver tão bonita e com tão boa cara. Passei por aqui porque ouvi dizer que no dia do meu baile tinhas saído a correr. Mas vejo que já estás ótima. Também me disseram que o meu primo Pietro te deu uma rosa vermelha, mas que tu não agradeceste, nem abriste a boca, nem fizeste um sorriso e saíste muito depressa. Penso que, de facto, não te sentiste bem.

10 **Vanina**: Pois, pois, não sei explicar, não me senti bem. Senti-me tonta.

Giovanna: Também me disseram que tinhas ficado muito pálida.

Vanina: Foi o perfume da rosa que era tão forte.

Giovanna: Ai, pobre Vanina, não resistes ao perfume de uma rosa, mas é verdade que a rosa era perfumada demais. Ai de ti, Vanina!

15 **Vanina**: Estou tão aflita por não ter agradecido ao teu primo. Vou escrever já.

(*Corre para a mesa, pega num papel e começa a escrever*)

Giovanna: Calma, não tenhas pressa, não é preciso, eu levo o teu recado e explico tudo ao Pietro.

Vanina: (*enquanto escreve*): Diz-lhe tudo, diz-lhe que a voz dele me maravilhou, mas que o perfume da rosa me estonteou. Fiquei incapaz de falar e de agradecer. Minha garganta ficou seca.

Giovanna: Digo tudo, sossega. O pobre Pietro, coitado, está afogado em problemas.

Vanina: Ai, que aconteceu?

25 **Giovanna**: O pai dele morreu arruinado. Ele teve de vender o palácio, a quinta, os quadros, as joias. Reuniu-se a família para arranjar um remédio. Um tio nosso que é embaixador convidou-o para ser seu secretário. Mas ele respondeu que não queria trabalhar para a senhoria de Veneza, porque a senhoria tinha uma grande prisão escura e húmida, onde os presos desaparecem e nunca mais voltam à luz do sol. Então outro tio, que é general, convidou-o para se alistar no seu regimento. Mas o Pietro respondeu que não podia passar a vida a matar homens e que detestava

30 música militar. Declarou que ia trabalhar como músico a troco de dinheiro; cantar em concertos, em festas, em serões, a troco de dinheiro e cantar serenatas que os apaixonados com má voz ou mau ouvido encomendassem.

Vanina: Ai que vida divertida! (*bate palmas*)

Giovanna: Divertida, sim, mas impossível, indigna, vergonhosa e escandalosa.

35 **Vanina:** Mas porquê? Eu não acho! Acho uma vida ótima.

Giovanna: Ser cantor errante é um ofício indigno de um fidalgo. Não queremos que o Pietro seja um desclassificado.

Vanina: Então, que há de ele fazer?

Giovanna: Tem de se casar já, já, muito depressa, com uma herdeira muito rica.

Sophia de Mello Breyner Andresen, *O colar*, Editorial Caminho

4. Quem é D. Giovanna Alvisi?

4.1. Qual é a sua relação com Vanina? Transcreve uma frase que comprove a tua resposta.

4.2. Por que motivo foi visitar Vanina?

4.3. Que explicação deu Vanina a D. Giovanna sobre o que aconteceu no baile?

5. Giovanna estava preocupada com o seu primo Pietro, porquê?

5.1. Enumera as soluções que os vários familiares de Pietro arranjaram para o ajudar.

5.2. Que opção escolheu Pietro?

5.3. O que pensa a sua família da solução apresentada?

6. Transcreve uma frase/expressão que comprove que:

6.1. Vanina e Giovanna discordam no que respeita à solução encontrada por Pietro.

6.2. a família de Giovanna já encontrou uma solução aceitável para o problema de Pietro.

7. Encontra no texto as palavras a que se referem os seguintes pronomes.

a. ela (l. 3)

b. -lhe (l. 3)

c. te (l. 5)

II

1. Agrupa as palavras da frase na alínea correta.

«Vanina: Mas porquê? Eu não acho! Acho uma vida ótima.»

a. Palavras variáveis

b. Palavras invariáveis

2. Classifica sintaticamente os elementos que constituem as frases seguintes.

a. Eu levo o teu recado.

b. Vou mandar uma carta ao Pedro.

3. Vanina, tu não resistes ao perfume de uma rosa.

3.1. Indica qual é o constituinte da frase que desempenha a função sintática de vocativo.

3.2. Reescreve a frase, colocando o vocativo no meio da frase.

4. Rescreve as frases seguintes, substituindo as palavras sublinhadas por antónimos.

a. Gosto de te ver tão bonita e com tão boa cara.

b. Mas vejo que já estás ótima.

5. Selecciona a opção correta, de modo a formares afirmações verdadeiras.

5.1. Na frase «Ouvi dizer que no dia do meu baile tinhas saído a correr.» a forma verbal destacada pode ser substituída por:

- a. tiveras.
- b. saíras.
- c. sairás.

5.2. No segmento «saístemuito depressa» o verbo destacado está no:

- a. pretérito imperfeito do indicativo.
- b. pretérito mais-que-perfeito do indicativo.
- c. pretérito perfeito do indicativo.

6. Agrupa as palavras na coluna correta, de acordo com a classe a que pertencem.

para / muito / ti

A	B	C
-lhe	de	tão
tu	com	não
te	a	aqui

6.1. Indica a que classe de palavras pertence cada grupo:

A _____ B _____ C _____

Vanina vive com o seu tutor que quer que ela se case com um homem muito mais velho do que ela. No entanto, Vanina está apaixonada por Pietro. Continua a história tendo em mente esta informação.

A tua história deverá mostrar:

- de que forma Vanina reagiu à notícia de Giovanna;
- se o amor que ela sentia era ou não correspondido;
- o que fez o tutor de Vanina quando soube que ela estava apaixonada por Pietro;
- se Pietro e Vanina acabam ou não por se casar.

Não te esqueças de:

- respeitar a estrutura do texto dramático;
- incluir indicações entre parênteses, além das falas das personagens.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

I

1. Lê o texto.

Texto A:

Os Doze de Inglaterra

A história conta que doze damas inglesas tinham sido acusadas por doze cavaleiros ingleses de falta de virtude, honra e nobreza. As damas insultadas pediram aos seus parentes que as defendessem, mas a reputação dos difamantes¹, de grandes guerreiros, esmoreceu qualquer vontade de defender a honra das senhoras, por parte das respetivas famílias.

5 As damas apelaram, então, ao Duque de Lencastre, sogro do Rei de Portugal (D. João I), para que as ajudasse a encontrar defensores para o pleito². O Duque de Lencastre solicitou a ajuda dos portugueses, pois conhecia as qualidades cavaleirescas deste povo, quando andara em guerra na Península Ibérica. O pedido foi imediatamente aceite pelos doze cavaleiros, que se propuseram a partir, o mais cedo possível, em defesa das damas inglesas. O navio que trans-
10 portou os doze portugueses partiu do Porto, no entanto, um dos cavaleiros, D. Álvaro Gonçalves Coutinho, o Magriço, decidiu ir por terra, para ter oportunidade de alcançar grandes glórias e fama, e juntar-se, mais tarde, aos companheiros.

No dia do combate, em Inglaterra, os cavaleiros portugueses, quando se alinharam perante os doze cavaleiros ingleses, repararam na desigualdade entre os dois partidos, pois Magriço ainda
15 não tinha chegado. Estava a justa³ para iniciar-se, quando a população começou a produzir grande burburinho pela aproximação do Magriço, que se juntava, então, aos companheiros. Primeiro combateram a cavalo e, depois, a pé, terminando a contenda⁴ com a vitória dos portugueses que, perante a sociedade inglesa, recuperaram a honra e a nobreza das damas. Os va-
20 lorosos portugueses ficaram, a partir daquele momento, conhecidos como os Doze de Inglaterra.

www.infopedia.pt

¹ Que faz criar má fama a.

² Ajuste

³ Duelo entre dois cavaleiros

⁴ Luta

2. Ordena os acontecimentos de acordo com o texto.

a. Como conhecia as qualidades do povo português, pediu ajuda a este povo.	
b. Ninguém, em Inglaterra, foi capaz de defender a sua honra.	
c. Destes doze cavaleiros, um decidiu ir por terra. Os restantes onze partiram do Porto de barco.	
d. Por isso, pediram ajuda ao Duque de Lencastre.	
e. No dia do combate, D. Álvaro Gonçalves Coutinho ainda não chegara, por isso os portugueses estavam em desvantagem.	
f. Os ingleses são derrotados e a honra e nobreza das damas é recuperada.	
g. De repente, ouve-se um burburinho: Magriço acabara de chegar.	
h. Doze damas inglesas foram insultadas por doze cavaleiros.	
i. Inicia-se o combate.	
j. Doze cavaleiros partiram de imediato para Inglaterra para defenderem as damas inglesas.	

3. Lê o excerto de um texto dramático.

Texto B:

O Magriço

(...)

Cruza-se com um velho de atitude desorientada. O velho dá um passo à frente, três passos atrás, dois passos à frente e, assim não avança caminho.

Magriço fica a vê-lo. Interpela-o, à cautela. Num gesto automático puxa pela espada, mas lembra-se que lha roubaram.

Magriço: Que língua fala vossemecê?

Velho: Todas as que forem precisas.

Magriço (*suspiro de alívio*): Basta que fale a minha. Por aqui vou bem encaminhado para Inglaterra?

Velho: Ainda não sei.

Magriço: Mau. Mas conta vir a saber?

Velho: Conto saber tudo.

Magriço: Não peço tanto. A mim basta-me saber o caminho certo para Inglaterra. É que estão à minha espera. Se eu não chegar a tempo, a Inglaterra vai ao fundo. (*intrigado com o marcar passo do velho*) Vossemecê perdeu alguma coisa?

Velho: A ordem.

Magriço: Quem não tivesse o respeito devido aos homens da sua idade, diria antes que perdeu a tranmontana.

*O velho continua a dar um passo em frente,
três passos atrás e dois passos
à frente. Está cansado.*

Velho: Perdi a ordem dos passos.

Magriço: Então descanse um bocadinho que já os apanha.

Magriço força o velho a sentar-se ao seu lado.

- 25 Magriço: Com que então sabe falar as línguas todas da terra... nesse caso, estou diante de um grande sábio.
Velho: Só sei que nada sei.
Magriço: Modéstia sua. Conhece a língua dos tatebitates? «Há qui dá?» «Já vivi ninique».
Velho: Não.
- 30 Magriço: Então não se gabe de conhecer as línguas todas.
Velho: Preparei-me para esta viagem, aprendendo as línguas das terras por onde devia passar.
Magriço: E nunca se perdeu?
Velho: Perdi-me agora. Mas não posso parar (*tentando levantar-se*).
Magriço: (*detendo-o*) Qual é a pressa? Também estão à sua espera?
- 35 Velho (*levantando-se e voltando a marcar passo*): Um passo à frente, três passos atrás, dois passos à frente. Tenho de chegar antes que se faça tarde.
Magriço (*acompanhando-o no marcar passo*): Vossemecê desculpe, mas por este andar não vamos chegar a lado nenhum. E, se não se importa, eu vou andando à frente...
Magriço começa a avançar.
- 40 Velho (*reprovador*): A impaciência dos jovens...
Magriço: Não vê que não passa do mesmo sítio?
Velho: Mas era esta a ordem. Foi o que o meu pai me ensinou. Um passo em frente, três passos atrás... (*desesperado*) estou baralhado. Dois passos atrás, dois passos à frente.
Magriço: Nem todos os conselhos são de seguir à risca. Espere. O que o seu paizinho lhe deve
- 45 ter dito foi: dois passos em frente, um passo atrás...
Velho: É o que eu estou a fazer. Assim é que se progride na vida.
Magriço: Talvez se estivesse a seguir a ordem a preceito. Repare: (*executando*) dois passos em frente, um passo atrás. Avança-se pouco, mas avança-se.
Magriço impõe o passo ao velho.
- 50 Magriço: Afinal, sempre valeu a pena encontrar-me.
Velho: Salvaste-me a vida.
Magriço: Não direi tanto, mas, ao menos, poupei-lhe a sola dos sapatos.
Agora, diga lá, para onde é a caminhada?
Velho: Como estás a ser um bom companheiro de viagem, conto-te para onde me dirijo.
- 55 (*olhando para um lado e para o outro e em segredo*) Estou não tarda na fonte da sabedoria. (*mostrando um cantil*)
Magriço: E vem cá com uma sede! «Só sei que nada sei». Estou a perceber. E porque é que acredita que falta pouco?
Velho (*ainda em segredo*): Porque antes de chegarmos o entendimento turva-se e esquecemos
- 60 o pouco que sabíamos.
Magriço: Já cá estive antes?
Velho: Nunca. Comecei a viagem quando tinha a tua idade.
Magriço: Livra. (*pausa*) Posso ir contigo?
Velho: Acertaste-me os passos. Podes.
- 65 *Andando sempre, neste passo de avanços e recuos, começam a ouvir um burburinho de discussão. São vozes de velhos. (...)*

António Torrado, *Os Doze de Inglaterra, seguido de o Guarda-Vento*, Editorial Caminho

4. Para onde se dirige o Magriço?

4.1. Quem é que encontra pelo caminho?

4.2. O que se passa de estranho com esta personagem?

5. Para onde se dirige o velho?

5.1. Por que motivo anda daquela forma?

5.2. De que forma é que o Magriço o ajuda a concretizar os seus objetivos?

6. Transcreve do texto uma frase/expressão que comprove que:

6.1. o velho estava desorientado.

6.2. o velho já caminhava havia muitos anos.

6.3. o velho não contava a toda a gente para onde ia.

7. Faz a correspondência entre as indicações dadas e o tipo de informação que dão aos atores.

a. (suspiro de alívio)	
b. (intrigado com o marcar passo do velho)	
c. (tentando levantar-se)	
d. (levantando-se e voltando a marcar passo)	
e. (reprovador)	
f. (desesperado)	
g. (ainda em segredo)	

1. Movimentação das personagens
2. Tom de voz
3. Atitude das personagens

II

1. **Divide as palavras de forma a apresentares todas as formas possíveis de translineação das palavras da didascália.**

«O velho continua a dar um passo em frente, três passos atrás e dois passos à frente. Está cansado.»

2. **Coloca um X na coluna correta, de forma a indicares a classe de palavras a que cada palavra pertence.**

«Um passo à frente, três passos atrás, dois passos à frente. Tenho de chegar antes que se faça tarde.»

3. **«Andando sempre, neste passo de avanços e recuos, começam a ouvir um burburinho de discussão. São vozes de velhos.»**

3.1. Lista todas as preposições usadas nesta indicação cénica.

3.2. Qual delas é uma contração?

4. **Completa com as preposições adequadas.**

daqueles da deste à pelos nesta de (x 2)

Antes de encontrar o velho, o Magriço viveu outras aventuras. Assim que saiu _____ Portugal, foi preso _____ habitantes de Tatebitates. _____ terra viviam os medos _____ nosso herói, o Magriço. Ele libertou-se da prisão quando superou e se libertou _____ medos que o impediam _____ dormir descansado _____ noite.

5. **O velho tinha contado ao Magriço para onde ia.**

5.1. Transcreve o complexo verbal presente na frase. _____

5.2. Indica em que tempo está conjugado. _____

5.3. Reescreve a frase, colocando o verbo principal nos tempos indicados.

a) Futuro do indicativo _____

b) Pretérito imperfeito do indicativo _____

6. «Velho: Salvaste-me a vida.»

6.1. Classifica sintaticamente os elementos que constituem a fala do velho.

6.2. Reescreve a fala do velho, introduzindo um vocativo.

Quando o velho chegou à fonte da sabedoria, deparou-se com mais velhos com o mesmo objetivo que o seu e o Magriço acaba por cair dentro do lago da sabedoria.

O que terá acontecido? Terá o velho conseguido saciar a sua sede e concretizar o seu objetivo? E o Magriço ter-se-á tornado no maior sábio do mundo?

Continua o **texto dramático**, de acordo com as pistas.

Através dele, o leitor deverá saber:

- como reagiram os restantes velhos à chegada do velho;
- se o velho conseguiu ou não concretizar o seu objetivo;
- por que motivo o Magriço cai dentro do lago da sabedoria;
- o que acontece ao Magriço após ter caído dentro do lago.

[illegible]

